



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS E
DIVERSIDADE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
VITOR OLIVEIRA DE ARAUJO ROCHA

**PROPOSTA CED: SISTEMATIZANDO UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO E
AUTONOMIA**

SEROPÉDICA, 2019.



VITOR OLIVEIRA DE ARAUJO ROCHA

**PROPOSTA CED: SISTEMATIZANDO UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO E
AUTONOMIA**

Monografia apresentada ao Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para obtenção do Título de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Marília Campos

SEROPÉDICA, 2019.

FOLHA DE APROVAÇÃO

PROPOSTA CED: SISTEMATIZANDO UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO E AUTONOMIA

VITOR OLIVEIRA DE ARAUJO ROCHA

Monografia defendida e aprovada no dia ___/___/___.

BANCA AVALIADORA:

MARILIA CAMPOS - UFRRJ
PRESIDENTE

ALEXANDRE MONTEIRO DE CARVALHO - UFRRJ
MEMBRO

ROSILDA BENACCHIO – UFF
MEMBRO

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os participantes da OCA, da CED, especialmente Ana Maria, Marília, Thiago e Renata, aos povos tradicionais e a todos aqueles que ousam resistir e se levantar frente as injustiças.

*O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
O orgulho, a arrogância, a glória enchem a imaginação de domínio
São demônios os que destroem o poder bravio da humanidade
Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi!
A Antônio conselheiro!
Todos os Panteras Negras!
Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.
(Chico Science e Nação Zumbi)*

RESUMO

Esta é uma sistematização da proposta CED – Centro de Educação Diferenciada, uma experiência de criação de um espaço comunitário para a promoção de educação, cultura e agroecologia. Seu objetivo é construir um registro capaz de produzir reflexão, autocrítica, a fim de que, ao teorizar, se potencialize o processo de aprendizado do fazer. Outro intuito do registro é de produzir referência a outros coletivos com iniciativas semelhantes frente ao processo histórico em que se passa durante o período da pesquisa, no qual há um desmonte das políticas institucionais de educação e bem-estar, bem como uma avançada crise civilizatória. O texto é uma soma de relatos, perspectivas e percepções produzidas entre 2018 e 2019, no processo de criação da proposta e do coletivo CED. Estes relatos foram feitos a partir de pesquisa ação e de relatos de auto-formação. Estes escritos produzidos a partir de leituras individuais e releituras coletivas da realidade no fazer da CED se mostraram fundamentais para que o coletivo alcançasse objetivo de tornar todas as etapas da proposta em etapas pedagógicas, nos possibilitando uma visão coletiva e em perspectiva temporal capaz de trazer à luz a nossa própria transformação no decorrer das experiências nestes dois anos.

Palavras-chave: Educação Diferenciada. Pedagogia da autonomia. CED – Centro de Educação Diferenciada. Angra dos Reis.

ABSTRACT

This is a systematization of the proposal CED - Center for Differentiated Education, an experience of creating a community space for the promotion of education, culture and agroecology. Its goal is to build a record capable of producing reflection, self-criticism, so that, by theorizing, the learning process is enhanced by doing it. Another purpose of the register is to produce reference to other collectives with similar initiatives regarding the historical process that takes place during the research period, in which there is a dismantling of the institutional policies of education and well-being, as well as an advance of a civilizing crisis. . The text is a sum of reports, perspectives and perceptions produced between 2018 and 2019, in the process of creating the proposal and the CED collective. These reports were made from participant research and autobiographies. These writings produced from individual readings and collective re-readings of reality in the making of CED, proved fundamental for the collective to reach the goal of turning all stages of the proposal into pedagogical stages, allowing us a collective vision and a temporal perspective capable to bring to light our own transformation as we go through our experiences in these two years.

Key words: Differentiated Education. Pedagogy of autonomy. CED – Centro de Educação Diferenciada. Angra dos Reis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CED – Centro de Educação Diferenciada.

GT – Grupo de Trabalho

LEC UFFRJ – Licenciatura em Educação do Campo – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

OCA – Organização dos Caiçaras e Amigos.

ONGs – Organizações não-governamentais

SAPE – Sociedade Angrense de Proteção Ecológica

TBC - Turismo de Base Comunitária

UFF IEAR – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Educação de Angra dos Reis

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVO	10
3 METODOLOGIA	10
4 DESENVOLVIMENTO	12
4.1 Partilha, ou capital afetivo.....	12
4.2 OCA, pavimentando um caminho social e pedagógico.....	13
Para falar do CED, seu projeto e os atores que o compõem, antes	13
4.3 CED, uma ideia ambiciosa.....	16
4.4 Projeto Pedagógico.....	17
4.5 Grupo de Trabalho de Estrutura	20
4.6 Propaganda	24
4.7 Captação de recurso.....	26
4.7.1 Café decolonial	27
4.7.2 Primeiros recursos	28
4.7.3 Ilha Cunhambebe.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6.REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Num bairro com graves problemas, em uma cidade, em um país, em um mundo, em um período histórico de graves problemas. Não que tivesse sido tão diferente de outros lugares ou outros tempos, mas certamente não navegamos numa calmaria.



Ilustração 1: mapa do Frade e Bracuí, Angra dos Reis – RJ

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9452538,-44.4045178,5759m/data=!3m1!1e3>

A época é 2019 e o lugar é Bracuí, Angra dos Reis-RJ. Terra de quilombolas, caiçaras e guaranis, terra de favelas e condomínios de luxo. O Estado, mínimo nas políticas de bem-estar social, máximo no extermínio, na reprodução da desigualdade e da exceção, está presente na extorsão dos impostos e nas manchetes de corrupção dos noticiários. Talvez mínimos sejamos nós aos olhos de quem nos vê de cima e atira dos helicópteros¹, ou de quem assina documentos onde pessoas são números.

¹Em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/05/07/helicoptero-usado-pelo-governador-para-sobrevoar-comunidade-do-rj-efetuou-disparos-e-atingiu-tenda-de-grupo-evangelico-diz-morador.ghtml>

Já está em curso a guerra civil entre facções criminosas e o Estado/milícia no município (BRITO e OLIVEIRA, 2013; AGAMBEN, 2004). Se agrava o desemprego ao mesmo tempo em que se espalha a ideia de que é um atraso trabalhar na roça. Com isso, nessa área rural do Bracuí, a terra passa a ser apenas objeto de compra e venda, e o crime cada vez mais uma opção de fonte de renda. As escolas, assim como a educação em todos os âmbitos, sofrem com o desmonte do Estado, indo de precarização de espaços e condições de trabalho a fechamento de escolas. A exemplo do que ocorre na maioria dos países do mundo e a serviço do grande Capital, o governo do Brasil, em todos os poderes e esferas, encolhe a máquina ao mesmo tempo em que a direciona em favor da guerra e da exploração desmedida do humano e da natureza, enquanto a grande mídia alimenta a rivalidade dos povos por times, estados, partidos, gênero e etnias, polarizando as massas e fazendo a população ver o próximo como inimigo.

O mundo sempre mudou, mas essa mudança tem sido rápida demais! Fomos pegos no susto pela história. Quando criança, minha “bisa” não tinha liberdade, meu avô não tinha escola, meu pai não tinha luz, eu não tinha internet, mas para os que vierem, sobram cada vez menos das coisas que tivemos. Será que a mudança precisa custar tão caro? Quem põe o preço? Desde que o tempo é tempo só temos duas opções: aceitar o destino ou assumir as rédeas das mudanças. A sabedoria dos mais velhos nos mostra que não houve e não haverá mudança para melhor que não seja baseada na educação, cultura e mobilização popular. Seguindo esse saber ancestral, acreditamos que o caminho para uma transformação da sociedade venha da gradativa mudança/ressignificação cultural dos sujeitos através de práticas e espaços pedagógicos e culturais no diálogo das aprendizagens entre gerações.

Então, se há uma proposta de transformação da comunidade a partir desse saber, não teria sentido fazê-la sem pensar no global, já que as coisas do mundo atual não têm fronteiras e, se esse mundo nos invade para bem e para mal, temos que pensar em como invadir o mundo também. Pois não basta separar o joio do trigo para si, temos que semear!

Portanto este texto tem o objetivo de sistematizar uma experiência de educação libertária (FREIRE, 1999), autônoma (FREIRE, 1996), popular e social (GADOTTI, 2002), no processo de construção de uma escola comunitária, carregada do propósito e da fé de que nossa experiência sirva de auxílio e incentivo a outras, assim como outras nos serviram. Utilizando narrativas autobiográficas como processo de auto-formação (JOSSO, 2007) e portfólio (VILLAS BOAS, 2009) para a sistematização (HOLLIDAY, 2006). Dividimos o desenvolvimento do tema em relatos com a história recente da região e da OCA; como foram

organizados a proposta e o coletivo CED, o processo de divisão em grupos de trabalho e os problemas e soluções no caminhar.

2 OBJETIVO

Registrar processo de construção do Coletivo de Educação Diferenciada (CED) no Bracuí (Angra dos Reis – RJ) no período de 2018-9 a partir de relato implicado de um dos autores em processo de pesquisa-ação e de auto-formação coletiva, tendo como referência a escola comunitária e a educação popular, buscando compartilhar experiências que possam servir de referência para outros grupos com intuítos similares ao do coletivo CED.

3 METODOLOGIA

Este estudo é um relato de caso da experiência de formação da proposta e do coletivo CED, obtido a partir de autobiografia (JOSSO, 2007) própria e de outros participantes do coletivo. As narrativas foram construídas ao longo de encontros mensais e vivências diárias do coletivo ao longo de dois anos. Baseia-se nas ferramentas metodológicas da Educação Popular (FREIRE e NOGUEIRA, 1993; BRANDÃO, 1983) e da pesquisa participante (BRANDÃO, 1987) e pesquisa-ação (THIOLLENT, COLETTE, 2014). Utiliza-se de referências da sistematização em Educação Popular (HOLLIDAY, 2006).

A soma destes relatos deu origem a uma pasta, cuja leitura e reflexão colaboraram com a construção de uma narrativa mais coletiva e crítica do processo. Foi aplicada em alguns encontros, associada aos relatos autobiográficos, às redes temáticas, no qual escrevemos em papéis as palavras-chave ou palavras geradoras (FREIRE, 1981) a partir da fala e do contexto de experiência de cada participante. Essas palavras foram para o centro da roda, postas numa espécie de mandala e posteriormente organizadas por temas. O portfólio foi o resultado da soma dos materiais produzidos, das divisões dos GTs e descrição de suas funções, mais fotografias e desenhos do projeto.



Ilustração 2 – formação sobre currículo 21/09/19

Fonte: Acervo pessoal

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 Partilha, ou capital afetivo

Um dos recursos mais utilizados na criação da proposta CED e na construção do coletivo, foi o que chamo aqui de partilha ou capital afetivo. Essa relação econômica e social, nada mais é do que o compartilhar de bens e serviços entre pessoas que possuem relações de afeto entre si.

Para explicar melhor o termo, vou usar os povos tradicionais da região da Costa Verde com exemplo. Aqui, os antigos costumavam, apesar de fazer de tudo, ter especificidades, práticas mais aprimoradas ou talentos. Ou seja, “fulano” pescava mais, “beltrano” tinha mais prática e produção na horta e “ciclano” era melhor como construtor. Claro que dentro de uma vila de caiçaras, por exemplo, todos sabiam fazer um pouco de tudo, mas o coletivo era conveniente e muitas vezes necessário por possibilitar mutirões e especialização em tarefas. Em uma boa relação fraterna na comunidade, quando a família de fulano pescava mais, dividia o produto com a família de “beltrano” e de “ciclano” e com outras famílias queridas da comunidade. Da mesma forma fazia “beltrano” quando colhia na horta e “ciclano” quando alguém precisava construir.

Podemos perceber que estas relações não eram vendas nem trocas. Quer dizer, não trocavam bens e serviços por dinheiro como nas relações comerciais, nem bens e serviços por outros bens e serviços como no escambo. Eram apenas pessoas compartilhando o que tinham, o que produziam e o que conheciam com pessoas das quais elas gostavam. Quando alguém fazia algo que desagradava as outras famílias, perdia seu capital afetivo e, por consequência, diminuía ou acabava a partilha entre eles. Quando isso ocorria, o causador da quebra de afeto precisava, ou reatar os laços, ou criar a capacidade de fazer tudo independente da comunidade, ou mudar de comunidade. Na prática, essa relação obrigava a boa relação comunitária, naturalizando-a na sociabilidade cotidiana. Dá para imaginar que quando um alguém de fora dessa cultura se insere numa comunidade dessas, rapidamente se sentirá obrigado a se integrar nessas práticas e relações e que, de primeiro, faça isso por interesses pessoais, mas que gradativamente comece a fazer por hábito.

Outro elemento capaz de acumular capital afetivo são as causas. Uma igreja de comunidade, por exemplo, reúne esforços e bens de quase todos, sem venda ou troca. Isso só

é possível por conta do valor afetivo que a causa da igrejinha representa para cada um daquele local.

Pensando em como essas sociedades se desenvolveram, é muito natural que essa relação aconteça, já que não tinha líderes totalitários nem Estado que obrigassem a partilha nesses espaços e a única forma de se estabelecerem com ajuda mútua era pelo afeto. Pude constatar isso a partir de conversas durante a Etapa de Povos Tradicionais da Conferência Nacional de Juventude de 2015, ocasião em que tive a honra de ir representando o povo caiçara. Lá, em conversa com representantes de outros povos e culturas sem, ou com pouca hierarquia, ficou claro para mim que essa relação de partilha também estava estabelecida nas suas comunidades. Outra coisa em comum que nossos povos tinham era a perda dessa prática conforme a “sociedade moderna” e o Estado adentravam nossas culturas.

Hoje, a ponta sul de Angra dos Reis, local onde vivo e onde está o espaço CED, já vem sofrendo esse avanço e a diminuição da prática da partilha, desde as décadas de 1960 e 70. Porém, é uma cultura que ainda existe e ainda está no imaginário e nas práticas das pessoas. Com isso, nosso projeto que não tem grande arrecadação financeira e não tem força política junto ao Estado, consegue se construir a partir das relações que seus participantes têm com outras pessoas da comunidade e do valor afetivo que a causa da educação e da cultura ainda representa, somando descontos em compras, doações, prestações de serviço gratuitas ou baratas, divulgação voluntária e etc. Graças a isso, conseguimos fazer uma proposta sem fins lucrativos e sem relações político-partidárias, somando os bens e serviços necessários a sua construção, por afeto e a partir do afeto.

4.2 OCA, pavimentando um caminho social e pedagógico

Para falar do CED, seu projeto e os atores que o compõem, antes vale contar um pouco sobre o primeiro grupo a puxar a ideia, a Organização dos Caiçaras e Amigos (OCA). Este grupo que oficialmente nasceu em 2011, foi criado a partir de conversas nas filas de padaria e mesas de bares nas quais discursos, indignações e ideias se alinhavam. Com o objetivo de trabalhar cultura local no Frade (bairro vizinho ao Bracuí), no início, as atividades giravam apenas em festivais gastronômicos, pois não se tinha recurso para quase nada. Havia apenas a vontade de um grupo bem motivado que se juntou.

Em 2013, com acesso a um pequeno recurso financeiro de R\$500,00 por mês vindo de doação direta de um dos membros, a OCA começa a focar em ações sociais e divide suas atividades em 3 categorias: Cine Argumento – atividades realizadas a partir de exibição de

filmes seguida de debates críticos sobre os temas pautados pelo audiovisual e pelas vivências dos participantes; OCA cidadão – ocasiões em que o grupo atuava diretamente em situações problemas da comunidade como limpezas de praia, atividades em asilos e orfanatos, dentre outros e; Raízes - visitas e debates sobre os povos tradicionais e produção de reflexões sobre como as perspectivas fora da “sociedade moderna” podiam nos trazer soluções para nossa realidade. Essas ações ocorriam em média 3 vezes por mês com mais 3 encontros de planejamento. Éramos um grupo de jovens na maioria entre 16 e 24 que, com pouco recurso, fez uma grande atuação no município, chegando a receber homenagens.

Após dois anos de atuações em Conselhos Municipais² diversos e de ações pontuais, surgiram processos de crítica e autocrítica. A primeira crítica era sobre o Estado que nada ou muito pouco fazia para o povo. Focados em cimento e asfalto, deixavam de lado políticas de educação, cultura e outras que tivessem potencial transformador da sociedade. A segunda, a autocrítica, é que, após dois anos de ações pontuais, nós não havíamos feito de fato uma “transformação” da sociedade que esperávamos. Todos os espaços em que atuávamos, no dia seguinte ao da ação, voltavam a ter os mesmos problemas do dia anterior. Houve apenas uma exceção: nós mesmos. Diferentemente dos locais onde atuávamos pontualmente, nós fomos atingidos continuamente por nossas ações. Dia após dia, ação após ação, quem mudava éramos nós. Pensando em mudar a sociedade, acabamos produzindo um processo pedagógico no qual éramos aprendizes, e isso certamente foi bom, mas nos questionamos sobre o potencial que teríamos se a carroça não estivesse à frente dos bois. Se pensando a transformação da sociedade fizemos processos pedagógicos, era hora de pensar processos pedagógicos para a transformação da sociedade.

Começamos então uma nova etapa de projetos continuados. O primeiro foi o CineArgumento: só que agora com alunos dos colégios públicos de Angra em vez de apenas com membros da OCA. Em 2015, fomos premiados pelo edital Favela Criativa da Secretaria

² Entre 2013 e 2014 compus os conselhos municipais de cultura, juventude e entorpecentes e 2015 e 2016 no conselho municipal de educação. Os conselhos municipais foram uma política nacional dos governos do PT que tinham como objetivo democratizar a construção de políticas públicas formando em conferências municipais, estaduais e nacionais, conselhos nas três esferas. Estes conselhos eram formados parte por representantes do governo, parte por sociedade civil. Apesar do intuito, na prática a falta de incentivo a organização popular e educação sobre o fazer político fez com que diversos conselhos fossem ocupados por assessores de vereadores ou outros membros do governo mesmo nas vagas de sociedade civil. Para esses assessores esse espaço era uma ferramenta de demonstrar poder ao vereador que o contratava ou mesmo de ser um representante do vereador num espaço de decisão. Geralmente quando o conselho em sua maioria fazia muito enfrentamento ao governo, suas pautas não eram aceitas na construção de políticas públicas.

de Cultura do estado do Rio de Janeiro. Com o valor de 12 mil reais, compramos equipamentos para expandir o projeto para mais escolas. Porém, nossa participação em ocupações estudantis e o avanço do “Escola Sem Partido”³ fez com que muitas direções fechassem suas portas para um projeto de reflexão e visão crítica a sociedade. De fato, quem discute mudança e autonomia não é bem-vindo onde se defende repetição e hierarquia. Mas foram tempos incríveis e muitos daqueles jovens vieram compor nossos projetos.

Em 2016, começamos a pôr em prática o projeto RAÍZES ao nível de comunidade. A ideia era transformar o Frade em um pólo turístico, levantando a história local e a partir dela, produzir Educação Diferenciada⁴ nas escolas, oficinas culturais sobre o tema e cursos de Turismo de Base Comunitária⁵ (TBC), construindo todos os elementos: conhecimento, produto, mão de obra e propaganda, para que se construísse um turismo que emancipasse o bairro economicamente ao mesmo tempo em que valorizasse seu povo e cultura. O primeiro passo foi dado em parceria com a Sociedade Angrense de Proteção Ecológica (SAPE) que captou um edital do Fundo CASA. Realizamos o projeto Recultura Caiçara com levantamento da história do Frade a partir dos mais velhos da localidade numa produção audiovisual.

Ao mesmo tempo em que produzíamos o curta, o bairro foi tomado pelo narcotráfico e se transformou numa zona de guerra, tendo até 27 dias seguidos de tiroteio. Dentre as muitas consequências, o fim de qualquer chance da concretização do sonho de pólo de TBC para o bairro, já que nem seus moradores queriam frequentá-lo mais. Naquele momento, nós nos sentimos sem chão e sem ferramentas para transformar a situação.

Aceitar o destino ou tomar as rédeas? Como?

Após alguns meses de tristeza, decidimos que não desistiríamos e que uma crise social e cultural só se pode ser enfrentada na base da construção da cultura, da sociedade e de concepção de mundo, a educação. Já estávamos há uns anos pensando em construir algo como um centro cultural, mas o momento pedia algo mais, algo como uma escola que formasse e fortalecesse o senso de coletividade, criticidade e autonomia, para combater de forma “pacífica” da sedução do tráfico, de empregos de subserviência ou de caminhos individualistas que inevitavelmente sustentam os problemas da vida em comunidade.

³ Movimento político composto por partidos de direita contrários ao que chamam “doutrinação política” nas escolas. Este debate ganhou forças em 2015 e 2016 criando barreiras para a execução de projetos que tratassem de temas “polêmicos” e criticidade nas escolas

⁴ Concepção pedagógica que não apenas respeita a pluralidade nos mais diversos aspectos dos educandos, como entende as especificidades de cada um como elemento potencializador dos processos de construção de conhecimento.

⁵ Modalidade de turismo na qual as comunidades e a cultura local são centrais, tendo suas vivências de suas práticas e saberes como produto ofertado aos turistas.

4.3 CED, uma ideia ambiciosa

Os anos de OCA nos proporcionaram uma relação boa com pequenos comerciantes locais, lideranças comunitárias e militantes das mais diversas áreas. Não conquistamos um acúmulo de bens materiais, mas acumulamos experiências e relações sociais. O grande desafio era fazer uma escola comunitária a partir disso.

E assim como a OCA surgiu de conversas despreziosas pela comunidade, o projeto CED veio se consolidando a partir de conversas em encontros, conferências e manifestações. No primeiro ano, 2018, poucas pessoas se interessaram na ideia, a ponto de nos questionarmos se era possível criar numa comunidade um coletivo que dependia de coletividade para existir, para depois fazer um projeto que construísse senso de coletividade. Parecia que queríamos plantar uma semente para um dia ter uma árvore, mas não tínhamos nem árvore nem semente. Daí ter surgido a proposta da criação do Centro de Educação Diferenciada, de construir e gerir coletivamente um espaço de cursos e encontros com atividades majoritariamente gratuitas, promovendo agroecologia, artes, música, esportes, cursos profissionalizantes e pré-vestibular, começou a trazer cada vez mais pessoas interessadas. Professores, estudantes, artistas, agricultores, povos tradicionais, técnicos, pais, mães e filhos e outros coletivos apareceram gradativamente para os encontros do projeto, fazendo a OCA ser apenas mais um dos grupos que o compõem. A maioria só aparecia nos encontros ou atividades de vez em quando, mas o grupo presente começou a aumentar. Uma semelhança nos discursos, mesmo que lentamente, começou a somar parte do que havia de melhor em Angra.

Eu, quando era criança, estudei na Escola Municipal Cacique Cunhambebe. Nesta época, diversas escolas de Angra dos Reis participaram de um projeto de levantamento de história local sob o nome de “Memória História”. Nesse projeto, os alunos eram os próprios pesquisadores da história de suas famílias e do bairro para produzir um material paradidático de história local e que esses saberes conduzissem a educação. A proposta partia do Estudo da Realidade do Paulo Freire (FREIRE, 1981) em que educadores e educandos se uniam aos moradores de sua localidade para pesquisá-la e retirar dali os conteúdos de estudo. Eu, que era caiçara, brincava nos mangues e tinha dificuldades de me adequar ao formato aprisionador do aprendizado escolar. Tive a oportunidade de ter aulas no manguê e de ouvir as histórias da minha família dentro e fora da sala de aula – e assim fui me tornando/constituindo caiçara. Essa experiência de educação popular e diferenciada ficou marcada em mim e graças ao meu

ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ, pude compreender melhor tanto minha história, quanto a importância de uma educação que leve em consideração as especificidade e saberes que cada aluno carrega, além das ferramentas metodológicas que a caracterizam.

Ao contar minha história, outros participantes contaram as suas, e todos tínhamos em comum a passagem por experiências emancipadoras de educação popular. Percebemos que nós já éramos fruto de outras experiências. Quase todas essas histórias vieram da educação pública, institucional, mas o momento de desmonte da educação, do Estado, “necropolítica” (MBEMBE, 2018), nos fazem crer que, por hora, o Estado é um espaço de recuo e não mais de avanço, e que, junto com o poder privado, tem se colocado como inimigo do povo. Nessa situação atual, a solução somente viria de nós por nós: daí a importância da nossa atuação e do nosso protagonismo.

A partir destes encontros e reflexões, o coletivo CED começa a se reunir periodicamente, se dividindo nos grupos de trabalho: Projeto Pedagógico, Estrutura e Propaganda.

4.4 Projeto Pedagógico

Pode-se considerar a equipe pedagógica como coração do projeto, primeiro porque afeto é a premissa da nossa concepção de educação e, segundo, porque todas as etapas, sem exceção, são vistas como processos de aprendizagem. Este é o único dos grupos que tem suas reuniões mensais e abertas e nelas se discute todo o caminhar do projeto: tanto como são nossos ideais e valores quanto nossa atuação a fim de se alcançar os objetivos.

Pensar o projeto pedagógico de um espaço autônomo é certamente um desafio. Não poderíamos cair nos mesmos erros da educação formal, mas também não devíamos nos basear na negativa e ser o inverso dela. Decidimos que o ponto de partida seria a comunidade e sua cultura. A riqueza cultural do entorno nos proporcionou uma perspectiva riquíssima sobre educação, principalmente das noções de saber e infância das comunidades tradicionais.

Outro elemento que colaborou com a soma das pessoas que compõem o projeto CED, foi a concepção de que não há inimigos que devem ser exterminados, mas sim grupos que demandam processos pedagógicos diferentes. Seja a criança com educação precária, seja o trabalhador que não teve oportunidades de estudo aos um pouco mais abastados que querem apenas fazer algum curso. Numa sociedade imediatista, "metade da humanidade não come; e

a outra metade não dorme, com medo da que não come" (CASTRO, 1960, p 14). Para quem olha mais à frente, sabe que, de ponta a ponta, estamos no mesmo barco. Paulo Freire nos ensina que, para se romper com os processos de opressão, é preciso se pensar educação humanizante e que ela venha dos oprimidos envolvidos em enxergarem o que existe do opressor dentro de si (FREIRE, 1987). Nesse ponto, é de nós para nós e de nós para eles. Essa é a nossa resposta à polarização: se há vontade e se há humildade, todos são bem-vindos.

Desses encontros mensais, saíram diversos direcionamentos sobre a condução do projeto, bem como algumas atividades de plantio e manutenção do terreno do centro. Em um deles, fomos à aldeia Sapukay do Bracuí. Recebidos pelo amigo Algemiro, diretor de educação da aldeia e educador do campo formado pela UFRRJ. Nesse encontro Algemiro nos contou sobre como os guaranis estão em relação a educação, sua trajetória e como veem a juventude e a infância. No mesmo dia, pudemos fazer um debate com a quilombola e também educadora do campo, Fabiana Ramos, pontuando demandas do quilombo e do Bracuí. Um encontro extremamente enriquecedor e que nos fez sair de lá com a cabeça fervendo de possibilidades e dificuldades para construir educação dentro de um cenário tão diverso de forma que fortalecesse os povos e suas culturas, e sem desrespeitar suas especificidades.



Ilustrações 3, 4, 5 e 6 – montagem de fotos do encontro de janeiro, 04/01/2019

Fonte: acervo pessoal

Um dos apontamentos desses encontros mensais, foi a necessidade de se construir uma formação também mensal. Tirado como demanda, a nossa primeira formação teve a honra de receber as professoras Marília Campos (LEC UFFRJ)⁶ e Rosilda Benacchio (Pedagogia da UFF/IEAR). Abordamos “ferramentas de sistematização de experiência”. E nas conversas, surgiu a reflexão do professor Thiago Rosa, de que “devemos nos atentar mais às demandas do que às oportunidades”. Por conta disso, fizemos em mais uma das nossas formações, outro encontro com a quilombola Fabiana Ramos, desta vez junto com o guarani Júlio Garcia e a bióloga Rita de Souza com sua pesquisa sobre a Itinga (área do Bracuí).



Ilustração 7 – Foto do encontro de Agosto, 17/08/19

Fonte: acervo pessoal.

⁶ Também minha orientadora e colaboradora nesta pesquisa-ação.

Neste encontro, pudemos ter um diagnóstico prévio das demandas da comunidade em sua pluralidade. Esse diagnóstico foi utilizado em outra formação sobre “currículo” que ficou como base para criar um plano de ações postos em um cronograma.



Ilustração 8 – Foto do encontro de Setembro, 21/09/19

Fonte: acervo pessoal.

4.5 Grupo de Trabalho de Estrutura

Uns anos antes do projeto CED, a OCA havia recebido a promessa de cessão de uso de um terreno da prefeitura para a construção de um centro cultural. Porém, um político local entrou em contato conosco e disse que precisaríamos nos vincular a ele para fazer mais pelo bairro. Não aceitando, nosso documento de cessão de uso saiu com “cessão de apenas 5 anos”, “podendo ser revogada a qualquer momento” e “proibido de construir neste espaço”. Para a nossa sorte, algum tempo depois recebemos, de iniciativa privada, uma cessão de uso por 20 anos podendo ser prorrogada, de um terreno maior, de mais de 5mil m², situado no bairro do Bracuí.

Mesmo com o terreno, uma obra custa caro e nosso grupo nunca teve grandes aptidões para juntar recursos financeiros. Então, traçamos uma linha de ação nos utilizando do capital afetivo nosso e da causa, fazendo eventos para arrecadar dinheiro e, ao mesmo tempo, falando sempre do projeto em qualquer local onde passássemos, procuramos doações de materiais e

de serviços, fazendo uma lista de pessoas que tinham o conhecimento técnico necessário para a obra.

De primeiro, comprei o livro *Manual do Arquiteto Descalço* (VAN LENGEN, 1996) e comecei a estudar um básico sobre bioconstrução. Em seguida, encontrei o <https://floorplanner.com/> procurando por sites que funcionassem como programas de desenho de obras. Nesse site, comecei a esboçar desenhos com espaços de acordo com as necessidades apresentadas pelo grupo do projeto e dos futuros oficinairos. Estes desenhos foram fundamentais para procurar um técnico voluntário, pois com eles, nossas ideias ficavam mais claras e o trabalho do técnico mais simples, facilitando a doação do serviço.

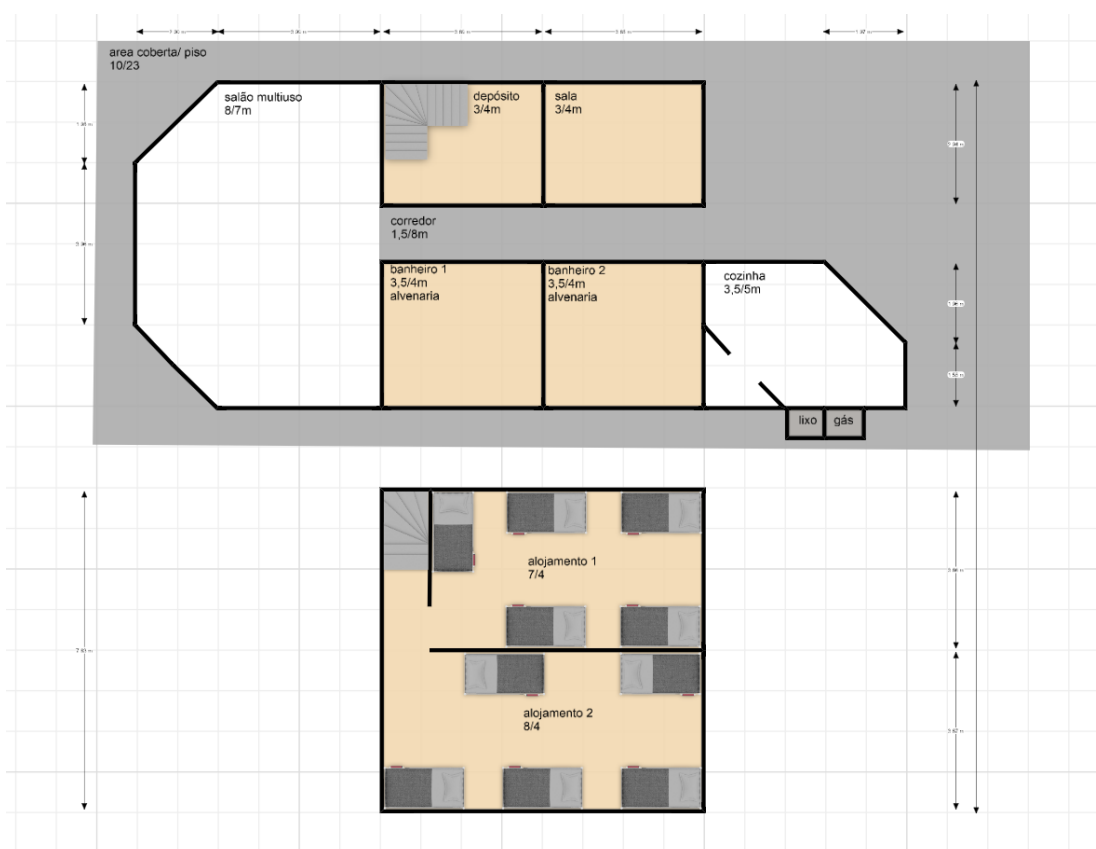


Ilustração 9 - Planta amadora feita no floorplanner

Fonte: Acervo Pessoal

Em pouco tempo, apareceu um arquiteto que era um amigo de adolescência. Ele se dispôs a fazer a planta e assinar o projeto da obra voluntariamente. Entretanto, mesmo se dispondo a fazer o processo de produção em conjunto, ele nunca aceitava e dizia que faria

tudo e depois apresentava para alterações. Sempre dizendo que estava ocupado e que já estava quase pronto, o arquiteto adiou os prazos por várias vezes, até que quase um ano depois, deixou de nos atender e responder e-mails. Nessa mesma época, se acirrava a polarização política no país e observamos que, em suas páginas sociais, o arquiteto começara uma fervorosa campanha para um candidato que se colocava contra indígenas e quilombolas, bem como pautas da educação. Sentimos ali que não apenas havíamos sido enganados como tínhamos sido vítimas do processo de polarização que infestava as relações humanas em quase toda parte, inclusive o capital afetivo da pauta da educação, que havia se tornado assunto negativo para parte da população.

Na mesma época, Alejandro, um amigo que estudou comigo no colégio e que agora era engenheiro civil, havia voltado a morar no Bracuí. Em nossa primeira conversa sobre o assunto, ele apresentou interesse. Neste momento, foi utilizado o capital afetivo? Talvez sim, mas com certeza o a imagem positiva de fazer parte de um projeto voluntariamente também conta. E esta também é uma ferramenta que propostas de centros comunitários podem utilizar na busca por profissionais técnicos.

Mas Alejandro pontuava diversas dificuldades no projeto, dentre elas, valores próximos a 180 mil reais, que estavam muito além da nossa capacidade de captar com doações (assunto que me tirou o sono por algumas noites). Outro questionamento foi sobre as etapas da produção do projeto, que ele não teria condições de tempo para fazê-las voluntariamente e que seria necessário um arquiteto para auxiliar nessa etapa. Daí então procuramos outro amigo da mesma época, Eduardo, que atuava como arquiteto na região. Eduardo prontamente topou fazer parte e assim demos início à equipe de estrutura do projeto CED.

Foram muitos e longos os encontros discutindo as necessidades que os tipos de atividades que poderiam ocorrer no espaço demandavam, em paralelo com nossas enormes limitações de mobilização e de captação de recursos, que conseqüentemente nos impedem de fazer uma grande obra. O impasse entre os técnicos que desejavam fazer o ideal e eu que desejava fazer o possível, deu origem a um projeto que nem era o ideal nem era o possível, mas tecnicamente muito bom e desafiador o bastante a ponto que nos obrigasse a nos reinventarmos a ponto de nos tornarmos capazes de fazer aquilo que não conseguiríamos antes. Tomamos o impossível como desafio.

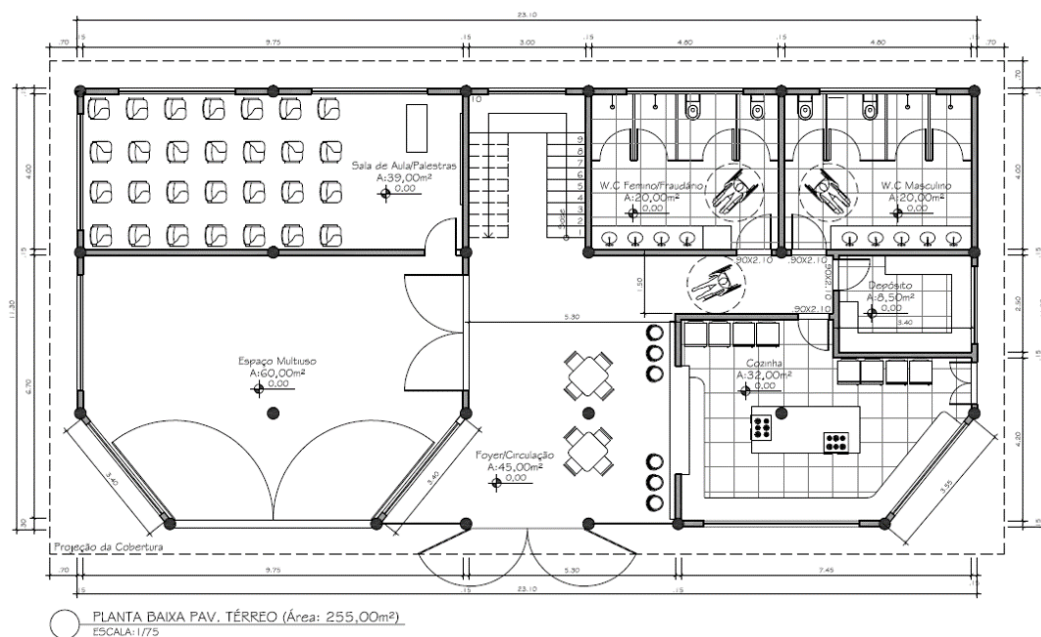


Ilustração 10 - Planta arquitetônica do casarão CED, 1º andar.

Fonte: acervo pessoal

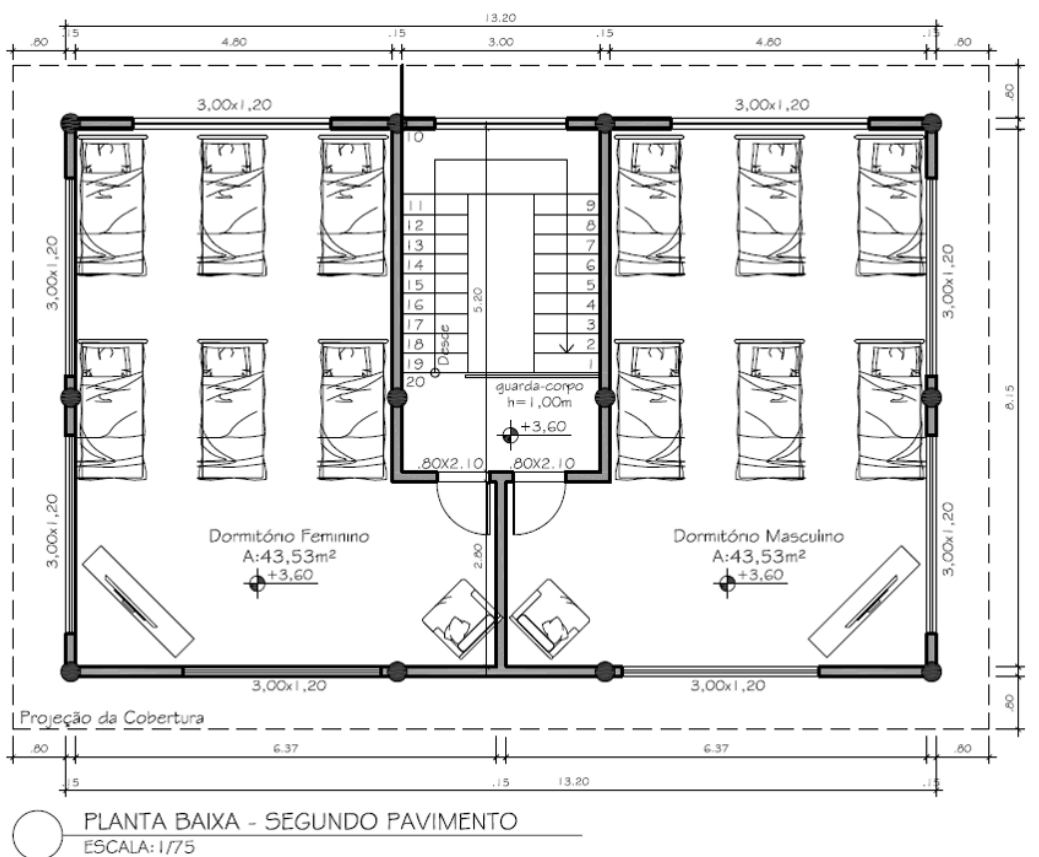


Ilustração 11 - Planta arquitetônica do casarão CED, 2º andar.

Fonte: acervo pessoal

Esse caminhar nos deu elementos para fechar mais parcerias e apoios. O principal deles foi o diálogo com o professor Alexandre Monteiro de Carvalho⁷ do Instituto de Floresta da UFRRJ, do qual poderia gerar uma doação de eucaliptos tratados provenientes das aulas de manejo do curso. Só essa doação já cortaria grande parte dos custos da obra de bioconstrução.

Após muitas reuniões e longos debates, a equipe produziu uma planta para o projeto. Os pedreiros Fabio e Chico, juntos com Nininho que era gestor de uma empresa de obras, entraram para o projeto e, a partir desta planta e das indicações de Alejandro e Eduardo, começaram a produzir uma lista de materiais, equipamentos e orçamento.

O anúncio de um grande corte nas verbas das universidades federais colocou nosso coletivo sob forte pressão. A possível doação da UFRRJ poderia se tornar inviável caso o corte afetasse o laboratório de tratamento de madeiras do curso de Engenharia Florestal. Por conta disso, busquei acelerar o processo da doação, tendo até uma reunião com o Reitor da UFRRJ, professor Barbara, ocasião na qual apresentei o projeto com o auxílio do nosso portfólio. Com a doação aprovada, surgiu uma nova questão: onde guardaríamos essas madeiras enquanto não tínhamos dinheiro para a construção da obra? Neste ponto, o valor arrecadado pelo projeto era de pouco mais de 6 mil enquanto só a fundação estava orçada em mais de 19 mil reais. Isso nos fez pensar num plano de construção de uma estrutura auxiliar a do projeto, que pudesse guardar a doação das madeiras e que posteriormente servisse como uma sala externa à casa principal da CED. Essa ideia deu origem a 1ª vivência de biocostrução da CED na qual experimentaremos diversas técnicas e, com elas, saberemos qual é melhor para região. Dos resultados desta experiência, tiraremos a técnica melhor adaptada e que será utilizada no casarão da CED.

4.6 Propaganda

Durante os anos de OCA, fizemos dezenas de ações comunitárias, quase nenhuma delas documentada, fotografada ou mesmo levada a público. Esta dificuldade de divulgar as ações do grupo vinha muito em função da criação cristã de alguns membros, onde se pregava que devíamos fazer o bem sem buscar nada em troca, nem prêmios e nem reconhecimentos. Por conta disso, o grupo tinha muito mais foco em fazer, do que em divulgar. Após alguns anos de ações quase anônimas, reflexões e autocríticas, avaliamos que, com mais registros,

⁷ Meu tutor no Programa PET no ETNOPET-UFRRJ, do qual participei como bolsista do ano 2017 ao ano 2019.

poderíamos analisar e aprender mais sobre nossos erros e acertos e, com mais propaganda, teríamos mais parceiros e mais força para cumprir nossos objetivos. Portanto, melhorar essas capacidades do coletivo era uma das metas fundamentais.

A princípio, tentamos resolver esta defasagem com os recursos que tínhamos. Começamos a pensar uma logomarca para a CED pintada a mão por membros do projeto e também um vídeo de apresentação feito com técnicas de animação amadora. Essas tentativas estavam ou caminhando lentamente ou não funcionando. Graças a um amigo em comum e também parceiro da proposta, conhecemos Amauri, um angrense que geria a agência de propaganda Avalanche e que tinha interesse em fazer parte de projetos sociais através de seus conhecimentos e recursos profissionais. Essa parceria veio a ser responsável pela construção da identidade visual do coletivo, da manutenção das redes sociais produção de materiais gráficos e audiovisuais. A parceria com a Avalanche também propôs oficinas relacionadas à atuação da empresa, para que este processo seja também uma etapa pedagógica e para que o coletivo não se tornasse dependente.



Ilustração 12 – Logomarca CED

Fonte: acervo pessoal.

Claro que uma empresa por mais consciência social que tenha, ainda tem formas de comunicação, organização, demandas e tempos de respostas diferentes de um coletivo. Este

descompasso por vezes causa desconforto com ambos os lados, mas com carinho as coisas se acertam e o trabalho pode ser feito apesar das distâncias das lógicas de trabalho.

4.7 Captação de recurso

Ideologia é bom e todo movimento gosta, mas nem só de valores vive o homem. Pão as vezes cai bem. E exatamente para pôr o pão de cada dia na mesa de casa, muitas pessoas deixam de fazer aquilo que gostam e acreditam para fazer aquilo que as sustente. Essa realidade afeta especialmente os coletivos, associações comunitárias, ONGs e indivíduos que dedicam a vida aos projetos sociais. Em geral, os projetos dependem também de recursos financeiros para ocorrer, seja em transporte e alimentação, seja com aquisição de materiais, contratações técnicas, aluguel ou construção de espaços.

Para sobreviver ou para executar atividades, os grupos do 3º setor precisam de alguns recursos fundamentais, como conhecimentos técnicos, muito capital afetivo e uma equipe com tempo e disposição. Quanto menos se tem de um destes recursos, mais se precisa dos outros. Entretanto, na ausência ou na necessidade de se potencializar algum destes, o recurso financeiro pode ter um papel fundamental. Para grupos sem fins lucrativos conseguir dinheiro, usa-se uma série de estratégias. Essa prática é conhecida como captação de recursos. Existem hoje muitos métodos de captação de recursos e, por conta disso, há cursos e profissionais especializados nessa atividade que pode ser a diferença entre o sucesso e o fracasso de um projeto.

No caso do nosso coletivo, há três tipos de recursos que precisamos: recursos humanos; recursos materiais e; recursos financeiros. Apesar desta etapa do projeto estar separada das outras, não a separamos em um grupo de trabalho específico. Isso porque entendemos que todos de todos os grupos devem se preocupar com a captação. Eventualmente um ou outro GT tem uma tendência maior a captar certo tipo de recurso, como o GT pedagógico com recursos humanos, por ter maior contato com pessoas da prática do ensino e com a militância por educação. Dessa mesma forma é o GT de estrutura com materiais de construção e o GT de propaganda com recursos financeiros.

Existem muitas formas de se conseguir recursos financeiros para um projeto. Algumas mais tradicionais, como bingos, rifas, livros de ouro, quermesses, eventos beneficentes, doações diretas e até dízimo, e outras mais modernas como editais, crowdfunding, fundos de

incentivo à cultura e incentivos fiscais. O coletivo planeja explorar o máximo das possibilidades, desde que não entrem em conflito com suas ideologias, como doações de políticos, por exemplo. Hoje a principal fonte de recursos tem sido o Café Decolonial, um café da manhã “self-service” que ocorre uma vez por mês e recebe ciclistas e apoiadores do projeto.

4.7.1 Café decolonial

Em uma atividade, Ana Maria uma das participantes do coletivo propôs que fizéssemos um café da manhã para arrecadar fundos. Como ela é ciclista, sabe que há um espaço de comercio possível, já que os ciclistas em meio aos seus trajetos, combinam de parar em um local para tomar café durante suas pedaladas. Com isso essa se propôs não só a cozinhar no café, mas também usar do seu capital afetivo para trazer o máximo de ciclistas que pudesse.

Ana Maria por um acaso também é minha mãe e, não somente por isso ela compõe o coletivo. Desde que eu me lembro, ela faz atividades sociais. Entretanto nunca havia visto ela coordenar nenhuma, apenas colaborar. Um dos princípios do nosso grupo é que, a cada atividade, o mais apto se torne coordenador. Dessa forma, não criamos líderes absolutos, giramos as responsabilidades e aproveitamos ao máximo as capacidades das pessoas. Portanto, no dia da aula quem coordena é o professor, no dia da obra o pedreiro e no dia do café, a cozinheira. De primeiro houve uma grande resistência ao espaço de coordenadora da atividade por parte da Ana Maria, porém não tinha jeito, fomos impositivos ao torná-la líder da ação. O café que desde o primeiro foi um sucesso, foi gradativamente se tornando menos complicado de se organizar e, ao longo do tempo fomos adquirindo mais equipamentos com a verba arrecadada e mais confiança com a experiência. Hoje nossa coordenadora se orgulha muito do seu trabalho e cumpre muito bem o papel que era novo a ela.



Ilustrações 13, 14, 15 e 16 – Montagem de fotos do Café Decolonial.

Fonte: acervo pessoal

4.7.2 Primeiros recursos

Como a proposta CED é herdeira do coletivo OCA, ficou para ela um recurso de pouco mais de R\$1000. Ainda não era suficiente para dar início a certas etapas do projeto que necessitavam de investimento e o pouco avanço é certamente uma das etapas mais difíceis de se superar nesse tipo de projeto. Afinal, falar sobre transformar a sociedade a partir da educação, da cultura, das pessoas, é tão fora do comum que, caso não tenha elementos concretos no seu caminhar, quase todos que escutam a proposta acho que é algum tipo de fantasia egocêntrica de quem não tem o que fazer.

Era dezembro de 2018 e tivemos nossa reunião mensal. Nela, discutimos a necessidade de começar algo de se ter algo, e os gastos para começar. Saí da reunião com a cabeça cheia de questões quanto a isso. Era meu segundo dia de férias e agora eu estava em angra e poderia fazer alguma coisa para arrecadar algum dinheiro. Alguns dias depois, me ligaram convidando para uma entrevista de emprego de barman num hotel no Condomínio do Frade. O Hotel do Frade e o Condomínio do Frade são elementos emblemáticos na história da minha família. Durante a ditadura militar, as terras dos meus avós por parte de pai foram tomadas e nelas foram construídos esses empreendimentos: por conta disso, sempre tive resistência a qualquer aproximação. Mas o caso não era sobre mim, era sobre algo maior, a

possibilidade de fazer a diferença na nossa comunidade. Negar seria permitir que o legado dessa dor continuasse atrasando nosso caminhar. Portanto, fui aceito no trabalho, fiz um contrato de 45 dias. Com extremo receio e pé atrás, ia todos os dias para o trabalho servir àquelas pessoas das quais eu nutri raiva por toda a minha vida. Mas meus motivos eram como uma espécie de mantra no qual eu me sustentava mesmo nas piores situações.

Dáí uma coisa muito intrigante aconteceu. As crianças, filhas desse grupo social do qual eu só carregava coisas negativas, começaram a se aproximar de mim e eu delas. Talvez seja algo natural para quem se dispõem a trilhar o caminho da educação. No começo, algumas eram meio arrogantes, mas impus limites e deixei minha posição sobre patrões e empregados clara e com argumentos compreensíveis a elas e, na medida em que trocávamos simpatias, nos aproximamos não com relação profissional, mas com relação de afeto. Rapidamente a amizade crescia, a ponto de sentarem 3 ou 4 crianças quase todos os dias no bar e passarem bastante tempo ouvindo e contando histórias comigo. Nesse período de trabalho, pude desmistificar aqueles seres humanos dos quais eu sustentava rancor e, para a minha surpresa, me peguei querendo o melhor para todos. Consegui nesse tempo, ganhar e doar pouco mais de 2 mil reais, mas o maior ganho foi entender o que Paulo Freire disse no capítulo 1 do livro *Pedagogia do Oprimido* (1987) sobre os desumanizados se humanizarem na busca por humanizar os desumanizados e os que desumanizam. Pois quando trataram a nós como não semelhantes, nos colocando num lugar de sub-humanos e colocaram eles mesmos num lugar de não humanos ao não reconhecer como iguais, outros humanos. Já nós, que fomos tirados do lugar de humanos, ao reconhecer esses humanos como semelhantes nos tornamos mais humanos e só assim, achamos caminhos para torná-los mais humanos também. Foi um grande aprendizado e me fez perceber que essa “escola comunitária” que a CED se propões a ser, já tinha a mim como educando.

4.7.3 Ilha Cunhambebe

Uma outra proposta sugerida pelo biólogo Paulo, em um dos nossos encontros, foi a de criar um roteiro eco turístico com observação de aves e, como tínhamos um passeio pago de barco para a ilha Cunhambebe, uma ilha deserta próxima ao bairro do Frade, decidimos testar a proposta nela.

Com o passeio agendado e tudo combinado, achamos que seria uma ótima oportunidade para envolver novas pessoas na proposta CED. Convidei então um colega que

me dava caronas entre Angra e Seropédica, o professor Thiago Rosa, que além de funcionário da Rural, também era professor na rede municipal de Angra. Propus a ele que desse uma atividade de quebra gelo já que era professor de educação física.

Chegando na ilha, o Thiago tocou uma atividade brincante e reflexiva que além de mover os corpos, também trouxe um debate sobre confiança. Seguimos com a trilha para observação de pássaros. Paulo que, além de biólogo, é guarda-parque, também seguiu a trilha dando uma aula sobre ecossistema de ilha e de mata atlântica. Chegando em dado momento da trilha, percebemos que de pássaro mesmo estava difícil. Quase não avistamos ou ouvimos nenhum. Aparentemente um azar, mas a ilha estava tão linda e o clima tanto nela como entre nós estava ótimo! Ao chegar na praia, eu contei a relação da ilha com a história do Brasil, Confederação dos Tamoios, o último navio negreiro Brigue Camargo e outras questões que pudemos abordar de forma mais lúdica e carregada de simbolismos, já que estavam de corpo presente no cenário que estes fatos ocorreram. Nesse dia, o professor Thiago me chamou para conversar e disse “Hoje eu percebi que a escola já existe.” Aquelas palavras foram muito importantes para mim e não só me fortaleceram as energias na luta como trouxeram um dos mais ativos componentes do nosso grupo.

Posteriormente, Thiago organizou esta mesma atividade com os alunos do 7º ano da Escola Municipal Mauro Sergio, situada no Promorar, Japuíba, Angra dos Reis. Uma atividade muito bem planejada e executada, com resultados incríveis. Episódio que é tão carregado de sensações e reflexões que merece um trabalho próprio para si.



Ilustrações 17, 18, 19 e 20 – Montagem de fotos do passeio da ilha Cunhambebe 17/10/19
Fonte: acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos relatos foi etapa importante para nossa proposta: mesmo com o objetivo de possibilitar a referência a outros grupos, a prática de sistematizar e relatar também deve ser enquadrada como algo fundamental de se fazer pois, ao narrar, o sujeito aprendiz constrói seu processo de aprendizagem, construindo conhecimento(s).

Durante os acontecimentos, sentimos falta de relatos de outros grupos que pudessem nos apontar caminhos ou nos precaver de problemas. Claro que o processo de passar pelo que passamos também foi etapa do nosso processo pedagógico, mas ter pulado penosas etapas poderia garantir mais resultados e possibilidades. Não tivemos a pretensão de criar uma regra ou fórmula para o fazer, mas considero que nosso relato será de grande valia a outros coletivos com propostas semelhante, já que são grandes as chances de esbarrarem nos mesmos contratempos e questões pelas quais passamos.

Mesmo com a possibilidade de ser ou não ser referência para outros grupos e ganhar dimensões que ultrapassem as realidades locais, estes relatos já se constituem num poderoso produto. Essa soma de reflexões e debates nos serviram como material de autocrítica e de ferramenta para que os participantes do coletivo se vejam sob outra perspectiva no seu mudar, no seu afetar e ser afetado ao longo das etapas que ocorreram nestes dois anos e, esta análise de si enquanto indivíduos e enquanto coletivo ao longo do processo, nos mostrou que a CED, nossa “escola comunitária”, já existe mesmo como “Escola sem paredes”. E que nós já somos seus educandos/educadores – educadores/educandos conforme nos ensinou Paulo Freire.



Ilustração 21 – Mandala das palavras geradoras 06/05/19

Fonte: acervo pessoal



Ilustração 22, 23, 24, 25 e 26 – Montagem de fotos de encontro itinerantes

Fonte: acervo pessoal

A perspectiva de ter a prática militância como processo pedagógico fez, de cada vivência, uma experiência de profundos aprendizados e muitas transformações. A coisa toda foi e é tão visceral, que eu, como um comunitário que também é um acadêmico, seria incapaz de abordar outro assunto, já que neste processo, não fui apenas militante ou pesquisador, fui os dois e mais do que isso. Acredito não ser o único, mas falo por mim quando digo que, como ser vivente do mundo, que afeta e é afetado, crítico por fazer isso conscientemente e humano por me indignar frente às injustiças, às desigualdades e aos sofrimentos, não poderia fazer desta experiência um simples projeto ou uma pesquisa. A relação com a proposta CED se tornou central no buscar e encontrar sentido à vida. E sobre todas as dificuldades que temos encontrado, só me vem uma frase que meu avô dizia: “A primeira vez que pai João montou num boi, foi um Deus nos acuda!”.

6.REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. tradução de Iraci D. Poleti. – Sao Paulo: Boitempo, 2004 (Estado de sitio)

AVALANCHE. **Agencia Avalanche**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/avalancheagencia/>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. Nicaragua, 1983.

BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de. **Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social**. São Paulo: Boitempo, 2013.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. p.22. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer, teoria e prática em educação popular**. 4ª ed., Editor Vozes. Petrópolis, 1993.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária. Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Revista Diálogos. Universidade Católica de Brasília. Brasília: Universa, 2002.

GRAELL, Fernanda. Helicóptero usado por Witzel para sobrevoar comunidade do RJ efetuou disparos e atingiu tenda de grupo evangélico, diz morador. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/05/07/helicoptero-usado-pelo-governador-para-sobrevoar-comunidade-do-rj-efetuou-disparos-e-atingiu-tenda-de-grupo-evangelico-diz-morador.ghtml>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, Porto Alegre, v. 30, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Mural Internacional V. 9 | N. 1 JAN-JUN 2018. São Paulo: N-1 edições, 2018, 80p.

THIOLLENT, Michel Jean; COLETTE, Maria Madalena. **Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 36, núm. 2, julio-diciembre, 2014, pp. 207-216 Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil.

VAN LENGEN, Johan. **Manual do arquiteto descalço**. Instituto de Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura, 1996.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. 6ª ed., SO: ed. Papyrus, 2009.